



CORRIDA À CASA BRANCA

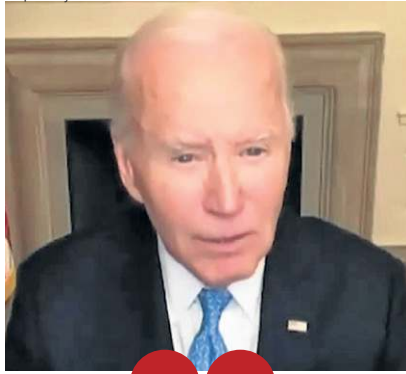
Em videoconferência com a ONG Voto Latino, presidente dos Estados Unidos compara simpatizantes de Donald Trump a "lixo" e é obrigado a se justificar. Candidata democrata tenta se distanciar do deslize. Magnata republicano ataca rivais

Gafe de Joe Biden alarma Kamala

» RODRIGO CRAVEIRO

Era tudo o que Kamala Harris não precisava. A seis dias das eleições, a campanha da candidata democrata passou a quarta-feira no modo contenção de danos. Em uma videoconferência com a organização não governamental Voto Latino, na terça-feira, o presidente Joe Biden cometeu uma gafe que causou um terremoto político, principalmente entre os republicanos. O deslize veio quando o titular da Casa Branca comentou as declarações feitas por um humorista durante o comício de Donald Trump, em Madison Square Garden, na cidade de Nova York, no último domingo. No evento, Tony Hinchcliffe comparou Porto Rico a "uma ilha flutuante de lixo". "Deixem-me dizer algo. (...) Os porto-riquenhos são gente boa, decente e honrosa. O único lixo que vejo flutuando são seus simpatizantes", afirmou Biden, em alusão a Trump. O magnata republicano não perdeu tempo. Em comício na Carolina do Norte, disparou: "Joe Biden disse o

Reprodução



Os porto-riquenhos são gente boa, decente e honrosa. O único lixo que vejo flutuando são seus simpatizantes"

Joe Biden, presidente dos EUA, em alusão aos eleitores de Trump, na terça-feira

que ele e Kamala realmente pensam sobre nossos apoiadores; ele os chamou de lixo".

"Minha resposta para Joe e Kamala é muito simples: você não pode governar os Estados Unidos se não ama os americanos", acrescentou Trump, que retrucou e disse que o governo Biden é um lixo. Também ontem, o ex-presidente denunciou "fraudes em larga escala" nas eleições presidenciais, na Pensilvânia, um dos sete estados-pêndulo (que alternam a preferência por republicanos e democratas).

A própria Kamala viu-se obrigada a se pronunciar sobre a gafe de Biden, que

ocorre no momento em que ela e Trump travam uma disputa acirrada nas pesquisas. "Permitam-me ser clara, estou em desacordo com qualquer crítica às pessoas baseada em quem votam", declarou a jornalista na Base Conjunta de Andrews, perto de Washington. No fim da noite de terça-feira, Biden tentou se desculpar. Em publicação na rede social X, afirmou que se referia à "retórica odiosa cuspidada por simpatizantes de Trump no Madison Square Garden". "Sua demonização de latinos é

Angela Weiss/AFP



Kamala Harris cumprimenta eleitores e posa para foto depois de comício em Harrisburg, na Pensilvânia

Chandan Khanna/AFP



Trump: "Você não pode governar os Estados Unidos se não ama os americanos"

inconcebível. Isso é tudo o que eu quis dizer. Os comentários naquele comício (de Trump) não refletem quem somos como nação."

Rogers M. Smith, professor de ciência política da Universidade de Pensilvânia, afirmou ao **Correio** que Biden perdeu boa parte de sua fluência. "O presidente tentava dizer que o comediante (Tony Hinchcliffe) que chamou Puerto Rico de ilha flutuante de lixo, além de outros oradores no comício de Madison Square Garden que também deram declarações ofensivas, eram lixo. Ele não quis dizer que todos os eleitores de Trump são lixo, como a Casa Branca esclareceu. Infelizmente, se expressou mal", explicou. Em relação à resposta do republicano, que acusou Biden de ser um "governo de Lixo", Smith avalia que a

campanha de Trump aproveitou a frase desajeitada do presidente para alegar que Biden pensa algo que ninguém realmente acredita que ele pense. "É uma típica difamação de campanha."

Historiador político da Universidade Brown (em Rhode Island), James Naylor Green descarta que a gafe de Biden impacte a campanha democrata. "Durante o comício de Trump, milhões de porto-riquenhos foram ofendidos. Foi um insulto muito forte. Isso foi muito mais sério e pode fazer a diferença na Pensilvânia, em Wisconsin e em Michigan, estados decisivos que abrigam uma população de porto-riquenhos que poderá votar em Kamala", disse ao **Correio**. "É muito difícil saber o que ocorrerá, mas

penso que Kamala vencerá. Pela energia que estou vendo, pelos índices de votação antecipada e pelo número de mulheres que estão indo às urnas."

De acordo com Rogers Smith, a Pensilvânia pode ser o fiel da balança nas eleições. "Dos sete estados chamados de 'campo de batalha', a Pensilvânia tem a maior população e, por isso, mais votos do Colégio Eleitoral. Essa condição o torna, provavelmente, decisivo. Em todos os estados-pêndulo, a disputa está muito apertada", disse o especialista.

Fraude e pesquisas

Uma sondagem feita pela emissora CNN e pelo instituto SSRS em três estados-pêndulo mostra que, em Michigan, Kamala lidera com 48% a 43% dos votos; em Wisconsin, ela tem o apoio de 51% dos eleitores, contra 45% para Trump. No entanto, ambos estão empatados na Pensilvânia, com 48%. Na terça-feira, uma sondagem da revista *The Economist* e do instituto YouGov aponta 49% para Kamala e 47% para Trump em âmbito nacional. Outra pesquisa, da agência Reuters e do Ipsos, indica virtual empate — 44% para o magnata e 43% para a atual vice-presidente.

Na terça-feira, Trump avisou, nas redes sociais, que "coisas muito ruins" estavam acontecendo na Pensilvânia e pediu à polícia que fizesse "seu trabalho, sem demora". As autoridades judiciais de um condado da Pensilvânia anunciaram no fim da semana passada a abertura de uma investigação sobre um lote de 2.500 solicitações de inscrição eleitoral que continha informações de identidade incorretas.

CATÁSTROFE NA ESPANHA

Inundações deixam pelo menos 95 mortos

Tragédia semelhante não era registrada desde 1996 na Espanha. A dimensão podia ser vista nas redes sociais. Desesperados, familiares de moradores de localidades da região de Valência (sudeste da Espanha), buscavam notícias e informavam desaparecimentos. A força da chuva arrastou e empilhou carros nas ruas, isolou municípios e danificou estradas. Até o fechamento desta edição, 95 corpos tinham sido resgatados, mas não se descartava o aumento no número. Em apenas algumas horas, choveu o equivalente a um ano inteiro, de acordo com a agência meteorológica estatal Aemet, que citou "acúmulos extraordinários" de chuva, com alguns municípios recebendo 300mm de água por metro quadrado.

O primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, visitará, hoje, as áreas afetadas e prometeu aos moradores: "Não vamos deixá-los sozinhos". O governo decretou luto oficial de três dias. O transporte ferroviário e aéreo na região continua suspenso e o trem de alta velocidade entre Madri e Valência somente deve retomar as operações na próxima semana. Presidente da região de Valência, Carlos Manzón reconheceu a magnitude da tragédia: "Estamos diante de uma situação

inédita, da qual ninguém tem memória". Em mensagem enviada das Ilhas Canárias, o rei Felipe VI expressou sua "tristeza por tantas perdas de vidas humanas".

Horror

Moradora de Picanya, a 34km de Valência, a professora María José Barrera Sánchez, 56 anos, contou ao **Correio** que viveu momentos de horror, por volta das 17h de terça-feira (13h em Brasília). "Houve uma queda de barranco, que me impediu de retornar para casa, que fica perto do rio. Minha filha de 13 anos e minha mãe de 93 anos ficaram no imóvel. A água subiu rapidamente e tive que correr ao centro de Valência, onde tentei falar por telefone com minha filha. Procurei dar instruções para que, se a água tomasse o primeiro andar, elas subissem para o segundo piso. Minha mãe tropeçou e ficou no chão, sem cuidados médicos, com água a dois palmos, por cerca de duas horas e meia. Ela fraturou seis costelas, mas está viva", relatou.

Depois de deixar o carro em Valência, María caminhou por cerca de seis quilômetros até Picanya. "A paisagem era desoladora. Como se fosse uma cidade fantasma. Carros empilhados, árvores e

Jose Jordan/AFP



Pedestres observam carros empilhados pela força da água, após enchentes em Sedavi, ao sul de Valência

cabos jogados nas ruas. Foi horroroso. As pessoas retiravam barro de suas casas. Ficamos sem água e sem luz", acrescentou a professora. Para ela, as dimensões da catástrofe serão conhecidas depois de alguns dias. "Há muitos cadáveres. Não tivemos aviso sobre nada. O aumento das águas foi rápido e brutal.

Foi questão de meia hora ou uma hora. Pessoas saíram de seus trabalhos e não puderam voltar para casa", acrescentou.

Em Sedavi, a 6km de Picanya, Nicole Montoya, 19, disse ao **Correio** que, na manhã de terça-feira, ventos muito fortes foram registrados na região. "Eu e minha mãe estávamos na cidade de Sueca.

Quando voltamos, passamos por momentos angustiantes. Embarcamos no ônibus às 20h e, se tivéssemos que esperar mais 15 minutos, estaríamos mortas pelas inundações. No ônibus, escutamos o alarme da Defesa Civil soando nos celulares. A casa de minha avó teve o primeiro andar inundado." (Rodrigo Craveiro)